

O vexame do B

A cúpula de 2024 dos BRICS aconteceu em Kazan, na Rússia e, além do evento em si, assistimos ao vexame diplomático e midiático brasileiro.

A mídia tentou pintar Lula como uma liderança infalível do sul global, um líder que acerta sempre, em todas as iniciativas.

Mas o que realmente presenciamos foi um Lula cometendo atos de vassalagem à distância, em vídeo, pau mandado via home office – ao menos esse privilégio lhe foi concedido no contrato dele com Washington.

No primeiro dia, os membros originais dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) receberam oficialmente o Egito, Etiópia, Irã e Emirados Árabes Unidos no grupo.

As questões discutidas entre o grupo incluíram um novo sistema de pagamento do próprio BRICS, a desdolarização, uma moeda digital própria, uma alternativa ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e uma proposta para uma nova plataforma comercial de grãos.

A iniciativa de criar uma nova plataforma para a comercialização de grãos, claramente envolve os interesses da Rússia como exportador e como centro político dos BRICS.

A Rússia propôs criar uma bolsa de grãos análoga a uma OPEP de soja e trigo? Os russos querem ter meios para controlar os preços dos grãos no mercado internacional?

Provavelmente você não verá esse tipo de argumento na mídia tradicional, mídia essa que também não lhe dirá que banqueiros e especuladores já tentam manter o controle dos preços das commodities.

Mas há algo que precisa ser dito sobre os BRICS: nenhum dos países membros têm poder o suficiente para impor sua agenda. O grupo realmente é um bloco multilateral que está em busca de parceiros comerciais e políticos.

O fato de que são países autocráticos, em sua maioria, realmente salta os olhos. Porém pouco se fala sobre a agremiação, estamos falando de países pouco desenvolvidos, quando não isolados.

Portanto, aderir e participar dos BRICS é estar construindo relações com países que foram isolados ou que não foram contemplados pela prosperidade prometida com a globalização.

Se analisarmos sem emoções, a participação nos BRICS – diferentemente da OCDE – não é o mesmo que aderir a uma agenda política ou se sujeitar ao mundo baseado em regras determinadas. Os BRICS são uma oportunidade de negócios e de parcerias multilaterais sem grande ameaça à soberania nacional.

Note, os BRICS têm uma proposta diferente dos acordos multilaterais de “futuro compartilhado” da China e, por isso, deveria ser o nosso principal canal de negociações e parcerias sino-brasileiras.

Os acordos bilaterais chineses não visam compartilhamento de tecnologia crítica, armamentos avançados ou investimentos seguros, mas são, na verdade, as estacas de uma barraca diplomática, uma ocupação de espaço voraz e ofensiva.

Além disso, no cenário internacional o Brasil nem é mais visto como nação soberana. É um país à venda, com Lulinha como balconista.

Enquanto Putin falava com todas as letras que a agenda ambiental e suas políticas estavam sendo instrumentalizadas para frear o desenvolvimento de vários países, Lula leu em seu teleprompter que os BRICS eram um “ator essencial” para o combate às mudanças climáticas.

A maior preocupação de Lula e sua turminha neoliberal é rodar pelos países de primeiro mundo a mendigar investimentos e subsídios para a natimorta economia verde do Brasil.

Poderíamos portarmo-nos realmente como nação soberana, como liderança da América Latina, mas nossos políticos não pensam o Brasil, eles o vendem.

- Os BRICS ainda hoje são uma alternativa para parcerias comerciais e acordos multilaterais
- Participar da cúpula dos BRICS e influenciar seus acordos, não é sinônimo de adesão a uma agenda rígida e pré determinada
- Não somos uma liderança na América Latina porque nossos políticos se preocupam mais em vender do que em administrar nosso país

